

OS ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DA LIBRAS E AS CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO DE SURDOS

Ione Barbosa de Oliveira Silva
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB (Brasil)
Endereço eletrônico: iboliveira@hotmail.com

Émile Assis Miranda Oliveira
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB (Brasil)
Endereço eletrônico: Emile.assis@uesb.edu.br

Vera Pacheco
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB (Brasil)
Endereço eletrônico: vera.pacheco@gmail.com

2388

INTRODUÇÃO

Os estudos linguísticos das línguas de sinais iniciaram com o linguista americano Willian Stokoe, em 1960, que investigou e comprovou a legitimidade linguística da *American Sign Language* (Língua de Sinais Americana- ASL). A partir de então, outras línguas de sinais têm sido estudadas, dentre elas a Língua Brasileira de Sinais-libras. Tais estudos já comprovaram que as línguas de sinais são línguas naturais, com estrutura própria que surgiram de maneira natural e espontânea como as línguas orais, para servir aos propósitos linguísticos de seus usuários. Sendo línguas naturais, possuem todas as características linguísticas, ou seja, são regidas por princípios universais.

As pesquisas sobre a libras, por sua vez, começam em meados dos anos 80, com Lucinda Ferreira Brito (1984, 1990, 1993, 1995) e mais tarde com Felipe (1998), Karnopp (1994, 1999) e Quadros (1997, 1999) conforme Quadros (2012). Posteriormente, esses estudos também receberam as contribuições de pesquisadoras surdas, como Ana Regina e Souza Campello e Shirley Vilhalva, que trabalharam pela legalização e difusão desta língua, a qual obteve seu *status* linguístico e foi reconhecida como meio legal de comunicação e expressão pela lei 10.436, de 24 de abril 2002, e regulamentada pelo decreto 5.626, de 22 de dezembro de 2005.

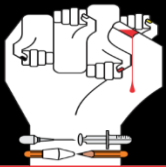
A oficialização da libras no Brasil, como língua da comunidade surda, garante aos surdos brasileiros a possibilidade de usufruírem do direito de se comunicar em uma

Realização:



Apoio:





língua de modalidade gesto-visual. Porém, mesmo com estudos e pesquisas que comprovam a legitimidade dessa língua, muitos ainda desconhecem que a libras é uma língua natural. A falta desse conhecimento linguístico pode ter implicações na vida do surdo, especialmente no âmbito escolar, pois o desconhecimento dos professores de surdos acerca do sistema linguístico da libras pode implicar na dificuldade de inclusão, no preconceito linguístico e, inclusive, na má qualidade de ensino.

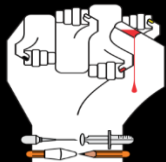
Os primeiros educadores de surdos criaram diferentes metodologias para a educação dos surdos: o ensino da língua oral, da língua de sinais, criada pelas comunidades surdas, e os códigos visuais conforme Goldfeld (2002). A partir desse contexto, surgiram muitas escolas no intuito de ajudar na capacidade comunicativa dos alunos surdos. No século XX, muitos pesquisadores e educadores se debruçaram nas pesquisas sobre surdos, procurando o método que melhor atendesse às necessidades educacionais desses alunos, levando em consideração sua forma de perceber e conceber o mundo. Mas ainda hoje, vemos muitos impedimentos em relação à inclusão e desenvolvimento escolar dos alunos surdos. Muitas pesquisas e estratégias de ensino têm sido desenvolvidas para melhor atender às necessidades desses alunos, no entanto, percebemos que muitos desses impedimentos estão relacionados à falta de conhecimento da língua por parte de muitos professores ouvintes.

Diante disso, nosso trabalho questiona: Quais conquistas já foram possíveis à comunidade surda por meio do conhecimento linguístico da libras? A ampliação das pesquisas nesta área pode contribuir com a sanção da Lei de libras, implementação de políticas públicas e linguísticas que favoreçam o uso, difusão e ensino da libras. Em busca de responder essa pergunta, este trabalho propõe-se a fazer um breve levantamento de estudos que apresentam contribuições dos estudos linguísticos à comunidade surda.

METODOLOGIA

Como toda pesquisa de cunho bibliográfico, para o bom desenvolvimento deste trabalho, fizemos uma breve busca de pesquisas com resultados já alcançados sobre o tema proposto, confirmando nossa hipótese de que conhecer a libras e suas especificidades linguísticas contribuem para a educação de sujeitos surdos.

2389



RESULTADOS E DISCUSSÕES

As discussões sobre a relação dos estudos linguísticos e o ensino foram abordadas na perspectiva da língua portuguesa pela autora Sperança-Crisculo (2014), a autora discorre sobre a língua enquanto objeto de estudo e como conteúdo de ensino. Além disso, aborda, historicamente, como o ensino da língua portuguesa vivenciou extremos, sendo o primeiro ensino pautado na gramática em si sem considerar o contexto e posteriormente pautado no texto/contexto sem considerar a construção gramatical desse texto.

Tal análise ainda é incipiente na libras, tendo em vista ser uma língua reconhecida muito recentemente, além do fato de a mesma não fazer parte do currículo das escolas regulares. A proposta da libras como conteúdo de ensino emerge com a proposta de escolas bilíngues para surdos. Mesmo sendo a primeira língua (L1) de muitos brasileiros, na escola, os estudantes surdos, estudam a sua segunda língua como se fossem nativos e seguem nos mais diferentes níveis de ensino sem acessarem os conhecimentos linguísticos de sua L1.

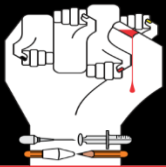
Quadros (2013, p.31) discorre que tem havido um avanço nos estudos da libras, em especial no que concerne às questões linguísticas. Para ela:

as pesquisas começam a adentrar novas áreas de investigação para além da Fonologia, Morfologia e Sintaxe, produções começam a prometer publicações nos campos da Sociolinguística, Políticas Linguísticas, Semântica, Pragmática, Análise do Discurso e Semiótica. O espaço é bastante profícuo.

A ampliação desses estudos reflete diretamente em políticas públicas e linguísticas do sujeito surdo. Podemos destacar que os primeiros estudos na área com a autora Ferreira-Brito, no ano de 1985 (QUADROS, 2013). Dois anos depois, houve a fundação da Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos (FENEIS), que foi um dos principais órgãos responsáveis pela mobilização pelo reconhecimento da libras enquanto língua.

Com a aprovação e regulamentação da Lei da libras, inicia-se o processo de formação de professores para o ensino dessa língua, ampliam-se as pesquisas sobre libras nos mais diferentes viés de estudo. A proposta da criação de escolas bilíngues começa a se tornar lema de luta para a comunidade surda. Nessa proposta, deve-se:

2390



“Olhar para a Libras como fim e não como um meio de atingir objetivos educacionais”, como bem descreveram Albres e Saruta (2012, p.10). A sua gramática deve ser conhecida, seus dialetos difundidos e a sua riqueza reconhecida também pelo estudo sistemático dos estudantes surdos.

No ano de 2021 foi aprovada a Lei 14.191 que dispõe sobre a educação bilíngue como modalidade de ensino, alterando a LDB de 1996, além da proposta curricular nacional da disciplina libras. Em relação às pesquisas linguísticas, recentemente foi lançado o *Corpus* de libras, o qual, segundo informações disponíveis no site o projeto, envolve um conjunto de dados e metadados da libras que passa a estar acessível a todas as pessoas interessadas. A documentação é um ponto de partida, portanto, para a promoção da diversidade linguística e cultural como um patrimônio da humanidade[...].¹

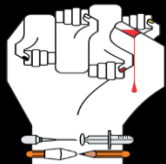
No ano de 2022 foi publicada uma Gramática da Libras², organizada pela professora Ronice Quadros, num esforço conjunto de várias universidades brasileiras. Tais conquistas são resultados de políticas linguísticas fortalecidas pelos estudos que têm descortinado a libras e demonstrando como essa língua de instrução deve ser ensinada.

CONCLUSÃO

O surdo brasileiro tem a libras como língua natural e esta língua atende perfeitamente as condições necessárias para que o sujeito surdo se desenvolva como qualquer pessoa. Por ser de modalidade gesto-visual não se limita a gestos isolados ou mímicas, pelo contrário, é capaz de demonstrar toda expressividade humana. Além disso, possui níveis de análises linguísticas com toda complexidade à semelhança das línguas orais. Como apresentado em nossa breve discussão, há muitas contribuições para o ensino do surdo com o avanço dos estudos da libras como: implementação de políticas públicas, sanções de leis que contribuem para a educação de surdos, criação de uma Gramática da libras, uso e difusão da língua proporcionando maior contato de ouvintes com surdos, reconhecimento de uma comunidade surda etc. No entanto, reconhecemos que há muito ainda a avançar. Como afirmam as autoras Quadros (1997); Fernandes (2003) e Albres (2012), professores ouvintes de surdos precisam de uma

¹ Disponível em: <https://corpuslibras.ufsc.br/?lang=ptbr>. Acesso em: 17 de maio de 2022.

² <https://editora-arara-azul.com.br/site/produtos/detalhes/126>. Acesso em: 17 de maio de 2022.



formação bilíngue (Libras/ Língua portuguesa na modalidade escrita), para que não só tenham domínio da sua língua de instrução, mas que também contemplem as necessidades no sujeito surdo, compreendendo a libras e suas especificidades. Ou seja, conhecer as especificidades linguísticas da libras é imprescindível para o ensino de surdos.

PALAVRAS-CHAVE: Libras. Estudos Linguísticos. Ensino. Surdos.

2392

REFERÊNCIAS

ALBRES, Neiva de Aquino. SARUTA, Moryse Vanessa. Programa Curricular de Língua Brasileira de Sinais para Surdos. São Paulo: IST, 2012.P:

BRASIL. *Lei nº 10.436*, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Disponível em: <http://www.leidireito.com.br/lei-10436.html>.

BRASIL. *Lei nº 9.394*, de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 24 dez. 1996. http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn1.pdf.

FERNANDES, Eulália. *Linguagem e Surdez*. Porto Alegre: Artmed, 2003.

FERREIRA, Lucinda. *Por uma gramática de Línguas de Sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010.

GOLDFELD, Márcia. *A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista*. 3 ed. São Paulo: Pleux, 2002.

QUADROS Ronice Muller de. *Educação de Surdos: a aquisição da linguagem*. Porto Alegre, 1997.

QUADROS, Ronice Muller de. Estudos de línguas de sinais: uma entrevista com Ronice Müller de Quadros. *ReVEL*, vol. 10, n. 19, 2012 [www.revel.inf.br].

QUADROS, Ronice Muller de. Contextualização dos estudos linguísticos sobre a Libras no Brasil. In: *Estudos da língua brasileira de sinais*. Ronice Müller de Quadros, Marianne Rossi Stumpf e Tarcísio de Arantes Leite (orgs.). Série Estudos de Língua de Sinais. V.I. Florianópolis: Insular. 2013. P:15-36.

SPERANÇA-CRISCUOLO, Ana Carolina. Breve histórico dos estudos linguísticos e sua influência no ensino da língua. In: *Funcionalismo e cognitismo na sintaxe do português: uma proposta de descrição e análise de orações subordinadas substantivas para o ensino* [online]. São Paulo: Editora UNESP, 2014, pp. 17-27. ISBN 978-85-68334-45-4.

STOKOE, William. Sign Language Structure: an outline of the visual communication System of the American Deaf. *Studies in Linguistics*, Buffalo 14, New York, v. 1, n. 8, p.3-78, abr. 1960.